

# *Epistemologia e Pesquisa Educacional*

*Adolfo Ramos Lamar*

## **Resumo**

*Uma tendência que está ganhando maior espaço na pesquisa educacional é o uso do termo “Epistemologia”. A presente pesquisa, ainda em andamento, visa analisar as posições de diversos autores sobre esse assunto. A pesquisa está se realizando tendo como base o levantamento bibliográfico, e as reflexões do próprio autor do trabalho sobre essa tendência.*

Debruçando-se sobre a interface entre a Epistemologia e a Pedagogia, MENESES DÍAZ (1992) ressalta que o termo “Epistemologia” aparece pela primeira vez em 1854, sendo empregado por Ferrier para ser oposto à noção “Ontologia”. Este sentido não é de todo congruente com a significação literal presente em sua raiz grega, que interpreta-se como discurso da ciência: episteme. Tal incongruência persiste quando apesar de seu significado literal, o termo não refere-se ainda assim, sempre ao mesmo objeto: às vezes designa uma teoria geral do conhecimento, às vezes uma teoria regional do conhecimento, a saber uma teoria do conhecimento científico. Mas, o problema do conhecimento é a pedra angular da Epistemologia. Na sua opinião, em todo momento coexistem diversos sistemas e correntes em torno do conhecimento. Na Filosofia Antiga, com Platão e Aristóteles principalmente, pode-se encontrar reflexões próximas ao epistemológico, ainda não teorias no sentido estrito, simplesmente colocações nas que subjaz uma determinada concepção epistemológica.

Por sua parte, JIMENEZ LOZANO (1992), discorrendo também sobre as questões epistemológicas da Educação, sustenta que o conhecimento humano é considerado como objeto de estudo da Filosofia desde a Antigüidade. A Filosofia ocupa-se dele, de maneira muito ampla, mas não é senão após a Idade Média, com o rápido desenvolvimento das ciências nos Séculos XVI e XVII, quando esta doutrina converte-se em uma disciplina filosófica específica e independente, que no século XIX recebe o nome de “Teoria do Conhecimento”. No século XX nasce a Filosofia da Ciência como disciplina filosófica que tenta substituir a tradicional teoria do conhecimento.

Esse autor considera que o termo “Epistemologia” é empregado atualmente tanto para se referir à Filosofia da Ciência como à Teoria do Conhecimento, tendo esta última um sentido mais amplo. A Epistemologia das Ciências da Educação está ainda por elaborar-se, se aceitamos a definição de Piaget como “o estudo da constituição dos conhecimentos válidos, de uma ciência particular”, pois quase nada tem-se feito a respeito. Da mesma forma, na sua visão, se entendemos a Epistemologia como sinônimo de “Teoria do Conhecimento” ou “Filosofia da Ciência”, que significa um estudo crítico das ciências em geral, sobretudo de sua validade, então tem-se dito e escrito muito sobre Epistemologia e Educação, em particular sobre a controvérsia na pesquisa educacional entre os paradigmas “quantitativo” (positivista) e qualitativo (hermenêutico ou crítico).

Neste contexto, cabe assinalar, também, que constatamos que alguns estudiosos usam o termo “Filosofia da Ciência” e não “Epistemologia”. Por exemplo, desde a concepção “estruturalista” da ciência de MOULINES (1994), a principal característica da ciência é estar formada por teorias, entendidas estas como “entidades abstratas” que não existem de forma isolada, mas que formam “redes”\_ termo que está ganhando mais espaço nos trabalhos na área de Educação\_ ou “holones”. A Filosofia da Ciência, estuda os “nós” e as “cordas” que conformam a ciência, ou seja, ela tem como tarefas identificar e reconstruir as teorias particulares e suas relações.

Uma posição contrária ao uso do termo de “Filosofia da Ciência” é de THUILLIER (1975) que prefere usar o termo “Epistemologia” e não “Filosofia da Ciência”, já que para ele, o termo “Filosofia da Ciência” pode ser en-

tendido como uma imposição dos filósofos aos cientistas, como já tem acontecido. Isto tem influído muito na dúvida existente entre o uso da palavra “Epistemologia” (que é uma palavra com aspecto sério, científico) ou o termo “Filosofia da Ciência” (que parece mais “literário” e desperta desconfiança).

Paralelamente, ele adverte que o termo “Filosofia da Ciência” pode ser entendido como o “imperialismo da Filosofia”, preferindo usar o termo “Epistemologia”. Esta doutrina tenta responder questões do tipo: Como se constitui uma teoria científica? Qual é o papel na prática científica do contexto ideológico e social? Na sua opinião, o objetivo da “Epistemologia” é estudar a gênese e estrutura das teorias científicas a partir do ponto de vista lógico e também histórico e sociológico. O conceito de “Epistemologia” é de fato empregado de múltiplos modos: varia de acordo com a região e país, em função do uso em que é empregado, servindo para designar uma teoria geral do conhecimento (de natureza filosófica), ou estudos mais específicos sobre a gênese e a estrutura das ciências.

Uma das posições que está ganhando maior espaço na pesquisa educacional, é a “Teoria Crítica”, que tem uma grande inspiração marxista. Assim, na pesquisa, observamos que a maioria dos autores que partem desta posição, utilizam o termo “Epistemologia”, como se isso fosse unanimidade entre os marxistas. Para nós, convém ressaltar que na filosofia marxista, e em particular na praticada no “bloco socialista”, não era muito usado o termo “Epistemologia”. O conhecimento científico era abordado sobretudo pelo Materialismo Dialético, e especialmente nas partes relacionadas com a Teoria do Conhecimento e a Lógica Dialética e nos denominados “Problemas Filosóficos das Ciências Naturais”, “Problemas Filosóficos das Ciências Pedagógicas”, “Problemas Filosóficos das Ciências Agropecuárias”, “Problemas Filosóficos das Técnicas” etc. Pode-se apontar também que nos países socialistas durante muito tempo o estudo interdisciplinar da ciência era considerado como pertencente à “cienciologia”, disciplina que estudava os fatores internos e externos que influem no desenvolvimento da ciência, para influir na tomada de decisões, no planejamento, organização, e direção da ciência.

Como podemos ver, não existe unanimidade quanto a como denominar os Estudos Filosóficos da Ciência. Aqui convém ressaltar que na visão de MENESES DÍAZ (1992), onde a tradição francesa empregaria o termo “Epistemologia”, a tradição anglosaxônica optaria pela expressão “Teoria do Conhecimento” ou “Gnosiologia”.

Ainda que não seja recente refletir epistemologicamente sobre a Educação, só nos últimos tempos é mais comum na pesquisa educacional, usar o termo “Epistemologia” para fazer referência às reflexões filosóficas sobre o conhecimento, à relação sujeito - objeto, às estratégias de pesquisa, à interface teoria - prática, à cientificidade dos conhecimentos educacionais etc. Atualmente, na área educacional se faz menções, entre outras, à “Epistemologia Social” (FULLER, 1991) e “Epistemologia Feminista” (HARDING, 1990). Contudo, constatamos que essas perspectivas têm emergido, principalmente, não do pessoal que trabalha com Didática, Psicopedagogia, Administração educacional etc. Portanto, é ainda muito mais relevante, salientar a emergência entre os educadores de tendências como as de “Epistemologia Educacional” (SÁNCHEZ GAMBOA, 1987), “Epistemologia Pedagógica” (GARCÍA CARRASCO; GARCÍA del DUJO, 1995), “Epistemologia das Ciências da Educação” (DIAS de CARVALHO, 1994) e BECKER (1994). Assim, coincidimos com HOYOS MEDINA (1992), quando diz que é um bom indicador que a comunidade pedagógica procure apoio na “Epistemologia”, já que isso sem dúvida dar-lhe-á melhores elementos para o exercício de suas atividades.

Na pesquisa educacional brasileira é nos anos 90 que estão começando a ter maior espaço as discussões epistemológicas. Nesse sentido, cabe entender essa tendência, como parte de um contexto no qual a pesquisa educacional tem tido diversas oscilações. Diversos autores no Brasil têm discorrido sobre as dificuldades da pesquisa educacional neste país.

Um dos primeiros trabalhos epistemológicos feitos sobre a pesquisa educacional no Brasil, é o de SÁNCHEZ GAMBOA (1987). Esse autor tem entre seus referenciais principais as categorias marxistas do “histórico” e do “lógico”, sua própria Dissertação de Mestrado

defendida em 1982. Outro referencial utilizado pelo autor é HABERMAS (1982), que concebe o conhecimento ligado às três dimensões principais da sociedade \_ o trabalho, a linguagem e o poder\_ as que por sua vez interagem com os três tipos de interesse humano que norteiam o conhecimento científico: o técnico, o consensual e o emancipador. Dessa forma, SÁCNHEZ GAMBOA (1987) identificou três tendências epistemológicas fundamentais nas Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado produzidas nos cursos de pós-graduação em Educação no Estado de São Paulo entre 1974-1984: as empírico-analíticas, as fenomenológico-hermenêuticas e as crítico-dialéticas.

Desde sua perspectiva, essas tendências não aparecem como estruturas de pensamento definidas e coerentes, nem permanecem imutáveis. O predomínio dessas tendências é decorrente da importação cultural, da composição do corpo docente formado no exterior e da imposição de um modelo de pós-graduação, que favoreceram a transposição de paradigmas predominantes nos países de origem. Isso se explica, em parte, pela reduzida disponibilidade de produção bibliográfica nacional, situando-se o problema no grau de criticidade com que se fazem tais importações.

Outro estudioso brasileiro da interface entre a Educação e a Epistemologia, como BOMBASSARO (1992), considera que a Filosofia não reduz-se à Epistemologia, e que esta última deve levar mais em conta a interdisciplinaridade na abordagem de assuntos tais como a racionalidade e a historicidade. Do mesmo modo, conforme BOMBASSARO (1994), discutir epistemologicamente sobre a Educação, não é novo. Nesse sentido, afirma que já nos gregos discutia-se sobre a questão da fundamentação epistemológica da educação. Os sofistas, pensadores do século V A C, representam o primeiro grupo de pessoas que preocupou-se pelos fundamentos da educação, da didática e da prática de ensino. Portanto, os sofistas podem ser considerados os fundadores da Ciência da Educação. Isto, aliás, pode ser lido diretamente nos textos fragmentados dos próprios sofistas e, especialmente nos diálogos de Platão.

Para BOMBASSARO (1994), no entanto, é na atua-

lidade que existe um maior reconhecimento entre os educadores da necessidade de se prestar mais atenção às questões epistemológicas relacionadas com a aprendizagem, avaliação, orientação educacional, construtos educacionais etc. Para nós, ele tem muita razão, quando diz que apesar de tudo, “o uso e até o abuso da palavra Epistemologia mostra-se como algo que poderíamos denominar de “o sistema de cientificidade”. Com o apelo ao “epistemológico” pretendemos afastar o perigo da superficialidade no tratamento de determinados tópicos que dizem respeito ao conhecimento.” Ao falar de Epistemologia falamos de conhecimento”. Ele, levando em conta as controvérsias sobre a “cientificidade” das Ciências da Educação, se pergunta em qual sentido seria possível falar de uma Epistemologia das Ciências da Educação e de uma Epistemologia da Pedagogia. Na sua idéia, a solução desse problema depende sobretudo dos envolvidos na Educação.

Assim, esse autor assinala que DIAS de CARVALHO (1988) procurou estabelecer uma Epistemologia das Ciências da Educação, partindo desde uma Filosofia da Educação que estivesse contra o “objetivismo” e as ambições da Filosofia sem se afirmar como saber fundamentador, absoluto e dogmático. Para isso, ele apresenta um programa para a Filosofia da Educação que sustenta ser o fenômeno educativo um “objeto-projeto” de uma investigação independente; que é um processo onde convergem três linhas de força: os programas de pesquisa científica, os movimentos pedagógicos e as instituições e agentes educativos.

A partir dos resultados parciais da presente pesquisa, desejamos ressaltar que na graduação e pós-graduação em Educação dever-se-ia se dar maior atenção ao tratamento de questões epistemológicas, tanto no ensino como na pesquisa. Isso poderia contribuir para o aperfeiçoamento de suas atividades teóricas e práticas e estar mais à corrente do estado da arte nessas questões.

Levando isso em conta, uma posição à qual dedicaremos maiores estudos, é a de POPKEWITZ (1997). Nesse autor, aprofundaremos entre outras idéias, sua crítica da Epistemologia tradicional e seu refluxo na pesquisa educacional, o reconhecimento do importante papel das

relações de poder na escolarização e na pesquisa educacional e sua abordagem sociológica da Epistemologia. Assim, consideramos de grande importância para a realização de nossa pesquisa, levar em conta as seguintes palavras de POPKEWITZ (1998, p. 23), e que tem grande influência de M. Foucault: “uso a frase Epistemologia Social para fazer do conhecimento da escolarização uma prática social acessível ao questionamento sociológico; a intenção é enfatizar a inserção social e relacional do conhecimento nas práticas e aspectos do poder sobre a natureza, origem e limites do conhecimento...a preocupação com uma Epistemologia Social é uma prática tanto política como conceitual.”

Outro passo de nossa pesquisa consistirá em aprofundar nas diversas críticas à Epistemologia, e em particular, a proveniente da chamada “New Sociology of Science” (SSN), na qual se destacam, entre outros, D. Bloor, B. Latour, S. Woolgar, K. Knorr-Celtina, D. Mulkey, que destaca a influência do social na ciência.

Outra posição, à qual dedicaremos maiores estudos, já que tenta superar o estado atual da Epistemologia, é a “Epistemologia da Complexidade” de E. Morin. Para este estudioso, levar em conta a “complexidade”, e em particular na Escola, significa, entre outras coisas, a dificuldade de explicar, as inter-relações existentes entre o todo e as partes, e a dialógica existente entre de ordem e desordem e não de rejeição e exclusão. Desde o ponto de vista de MORIN (1996, p. 275): “Na escola aprendemos a pensar separando. Aprendemos a separar as

matérias...Nosso pensamento é disjuntivo e, além disso, redutor: buscamos a explicação de um todo através da constituição de suas partes. Queremos eliminar o problema da complexidade. Este é um obstáculo profundo, pois obedece à fixação a uma forma de pensamento que se impõe em nossa mente desde a infância, que se desenvolve na escola, na universidade e se incrusta na especialização.”

De igual forma, outro caminho de nossa pesquisa está em nos debruçar em autores que como L. Laudan, S. Fuller, P. Hörwich e P. Hoyningen-Huene tratam de superar, entre outras, as concepções “kuhnianas” e “lakotosianas” da ciência, e discutir seu refluxo na pesquisa educacional.

A maior popularidade da Epistemologia, reflete o aumento das discussões entre os professores e estudantes sobre o “status” dos conhecimentos e tecnologias utilizadas na educação, os critérios de “cientificidade” que são usados nelas, a relação teoria e prática, o papel dos valores etc. Isso deve-se não só às demandas “externas” de demonstração de sua cientificidade, senão também à existência de uma maior demanda “interna”, por discutir sobre os métodos de ensino e de pesquisa, as perspectivas filosóficas que os influenciam e as determinantes da pedagogia, a didática, a administração educacional e outras disciplinas escolares. Do exposto depreende-se que, a discussão de questões epistemológicas é intrínseca à própria educação, e não pode ser reduzida a um “modismo”.

## Referências bibliográficas

- BECKER, F. A. *Epistemologia do professor: o cotidiano da escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- BOMBASSARO, L. C. *As fronteiras da Epistemologia: uma introdução ao problema da racionalidade e da historicidade do conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- . Epistemologia: produção, transmissão e transformação do conhecimento. In VII ENDIPE. *Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*. Goiânia: UFG, 1994. pp. 113-123.
- DIAS de CARVALHO, A. *Epistemologia das ciências da educação*. Porto: Afrontamento, 1988.
- FULLER, S. *Social Epistemologic: basic principles and prospects*. *Kennis in Methode* (Dutch, 1991), 15:251-266.
- GARCÍA CARRASCO, J.; GARCÍA del DUJO, A. Epistemología pedagógica (I). Teoría de la Educación. *Revista Interuniversitaria*. v. 7, 1995, pp. 5-38.
- HABERMAS, J. Conhecimento e interesse. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. HARDING, S. Feminism and theories of scientific knowledge. *WOMEN: A Cultural Review*, nº 1, April, 1990. pp. 87-89.
- HOYOS MEDINA, C. A. Epistemología y discurso pedagógico: razón y aporía en el proyecto de la modernidad. In C. A. HOYOS MEDINA, *Epistemología y objeto pedagógico. Es la pedagogía una ciencia?* D. F. México: CESU, 1992. pp. 19-40
- JIMENEZ LOZANO, B. Epistemología y métodos de las ciencias. *Perfiles Educativos*, nº 63, 1994. pp. 59-71.

- 
- MENESES DÍAZ, G. Epistemología y pedagogía. In C. A. HOYOS MEDINA. *Epistemología y objeto pedagógico. Es la pedagogía una ciencia?* D. F. México: CESU, 1992. 148 pp. 41-91
- MORIN, E. Epistemologia da complexidade. In D. F. Schnitman (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. pp. 274-286.
- MOULINES, C. U. Carácter y función de la filosofía. *Revista ARBOR*, Madrid, n. 16-17-18, 1992, pp. 25-40.
- POPKEWITZ, Th. Paradigms in educational science: diferents meanings and purpose theory. *Journal of Education*, Boston, 1980, V. 102, p. 28-46.
- . *Reforma Educacional. Uma Política sociológica. Poder e Conhecimento em Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SÁNCHEZ GAMBOA, S. A. *Epistemologia da Pesquisa em Educação. Estruturas lógicas e tendências metodológicas*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação da UNICAMP, 1987 (Orientador Prof. Dr. Pedro Goergen).

---

Prof. Dr. Adolfo Ramos Lamar - Mestrado e  
Doutorado em Educação. Universidade Federal  
de Bahia (UFBA)/Universidade Estadual de  
Santa Cruz (UESC), Departamento de Filosofia  
e Ciências Humanas, UESC, Ilhéus, Bahia

---